

ENEM E O PARADIGMA DO ENSINO DE LITERATURA NO BRASIL: concepções, perspectivas e delimitações

Shirlen Viana¹

Resumo:

O objetivo deste trabalho é apresentar uma visão do processo de ensino da literatura no Brasil pautado na perspectiva do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), visando promover uma discussão sobre os requisitos da proposta do exame, avaliar como esses requisitos influenciam o ensino de literatura hoje - em detrimento de um ensino amplo, analítico e argumentativo -, e verificar quais as propostas de práticas pedagógicas e metas estipuladas nos PCN's, OCEM e na própria Matriz Referente da área Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, a qual está inserida a literatura.

Palavras-Chave: ENEM. Ensino de Literatura. Práticas pedagógicas.

*Todo sistema de educação é uma maneira política
de manter ou de modificar a apropriação dos discursos,
com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.*
Michel Foucault

INTRODUÇÃO

O ensino de literatura atualmente no Brasil segue um paradigma bem definido: o ensino restrito, sistemático e voltado ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e aos vestibulares perpendiculares que se assomam a esse paradigma, e esse objetivo previamente definido, não se aplica somente à literatura, mas também as demais disciplinas.

No que se refere ao ensino de literatura, as implicações que decorrem desse paradigma são inquestionáveis: ensino deficiente, descritivo e superficial na maioria das escolas públicas, descumprimento da proposta do ensino de literatura a partir das perspectivas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) e, compreensão parca por parte dos discentes, envoltos em práticas decorativas, baseada somente

¹ Pós-graduada em Linguística pela Universidade do Norte, graduanda em Letras, Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

em datas, características, autores e vez ou outra, alguns fatos históricos que demarcaram os movimentos mais importantes.

A proposta desse trabalho, portanto, é apresentar esse panorama de ensino diáfano e mecânico, buscando trazer à luz e à reflexão o modo como se tem praticado literatura nas escolas públicas e a forma como se tem pensado (erroneamente) o ensino voltado restritamente para as provas do ENEM, partindo de pressupostos sem fundamentação e sem um estudo específico da produção do exame, já que a elaboração das provas requer do aluno a aprendizagem mais pragmática, crítica e capaz de relacionar discursivamente os fatos históricos e socioculturais, que é proposto nos enunciados.

Esse paradigma foi erguido ao longo do tempo sob a égide da praticidade e objetividade, sem resoluções efetivas, contrariando as propostas dos PCN's e OCEM, nos quais foi consolidada uma prática de ensino pragmática, abrangente e reflexiva, com intuito de formar leitores críticos, autônomos e proficientes. Conforme Fischer (2016), esse paradigma foi constituído sem deliberação central, ou qualquer critério público, mas instituído ideológico e eficazmente, tornando-se um “axioma”, acolhido como verdadeiro e necessário, consolidado sob aparência natural, e praticado nas escolas como metodologia.

Por consequência, vislumbramos uma grande resistência por parte dos alunos à disciplina e todas as suas dimensões, tachadas como entediante, monótona, decorativa e pouco criativa. Tudo isso por, invariavelmente, ser apresentada de forma facetada, incompleta e com metodologias que primam o descritivismo e a sistematicidade.

Portanto, a proposta desta pesquisa é “desnaturalizar” esse ensino programático voltado para o ENEM, mostrar que as provas são elaboradas a partir de um contexto discursivo e pragmático (e não apenas descritivo, limitado e decorativo) e ampliar as discussões acerca da concepção limitada institucionalizada, que refletem nas práticas do ensino de literatura na rede pública de ensino, o que contrasta com o que foi instituído nos PCN's e OCEM.

1. Os processos de acesso ao ensino superior no Brasil.

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP):

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi criado em 1998 com o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da educação básica, buscando contribuir para a melhoria da qualidade desse nível de escolaridade. A partir de 2009 passou a ser utilizado também como mecanismo de seleção para o ingresso no ensino superior. O Enem também é utilizado para o acesso a programas oferecidos pelo Governo Federal, tais como o Programa Universidade para Todos – ProUni .

Ou seja, pode-se afirmar que hoje o ENEM é responsável pela maioria dos ingressos no ensino superior, com tanto poder conferido a esse sistema de avaliação, constituindo o mais importante mecanismo de seleção, seria previsível que incorresse em alguma influência no sistema de ensino instituído em todo país.

Conforme o INEP, mudanças foram instituídas no Exame, as quais promovem: “democratização das oportunidades de acesso às vagas oferecidas por Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), para a mobilidade acadêmica e para induzir a reestruturação dos currículos do ensino médio”, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) se tornou o principal mecanismo de seleção unificada para ingresso às Instituições de Ensino Superior (IES), a princípio 43 das 55 das IES públicas federais aderiram ao exame do MEC e 23 delas dispuseram vagas no Sistema de Seleção Unificada (SISU). Outro sistema vem se consolidando na mesma modalidade do ENEM, que é o Sistema de Seleção Unificada (SISU), que refere-se a um sistema de alocação de candidatos.

Dessa forma, consoante Fischer (2016), o ENEM tornou-se o único processo de seleção para 48 das 63 federais e parte do processo para outras 15. Em 2015, as universidades federais do Brasil dispuseram mais de 151 mil vagas pelo SISU, ou seja, quase 74% do total de vagas ofertadas por esse sistema unificado. Além disso, o ENEM é a porta de entrada aos programas públicos voltados aos universitários: Ciência sem Fronteiras, PROUNI e FIES. Além da inserção ao ensino superior, as notas do ENEM também são essenciais para as vagas em cursos oferecidos pelo Sistema de Seleção Unificada da Educação Profissional e Tecnológica (SISUTECH), como parte do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) e até mesmo, consideradas como fator de inserção nas faculdades privadas.

A maior vantagem do exame consiste na mobilidade de inscrição em instituições de todo o país, ou seja, não é necessário que o aluno esteja presente na cidade onde esteja concorrendo. Quanto ao SISU, o candidato pode efetuar a inscrição simultânea em dois cursos opcionais, favorecendo assim ao aluno uma oportunidade maior de ingresso ao ensino superior, através da concorrência nos dois cursos concomitantemente.

A prova consiste em quatro matrizes de referência, cada uma com 45 questões: “Matemática e suas Tecnologias”, “Ciências da Natureza e suas Tecnologias”, “Ciências Humanas e suas Tecnologias” e “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias”, totalizando 180 questões. Seguindo a divisão proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), a Literatura está inserida na parte de “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias”, e que contém também questões de Língua Portuguesa e Línguas Estrangeiras (inglês ou espanhol), Tecnologias da Informação e da Comunicação, Linguagem Corporal e Arte.

Segundo a Matriz de Referência do ENEM, as questões da área “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias” têm por objetivo a avaliação de nove competências, uma delas, a de número 5 (eixos cognitivos), visa: “analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção” (2009, p. 03).

Mas para que haja êxito por parte do aluno, o exame requer o desenvolvimento de três habilidades distintas:

[...] estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político; relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário; e reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional. (FISCHER et al., 2012, p. 112)

Ao se sistematizar o ensino de literatura baseado no ENEM, restringindo a conteúdos descritivos, incorre-se em grande erro, pois ao confrontar-se com o teor de questões discursivas, contextualizada, percebe-se quão incoerente estão sendo as práticas metodológicas de ensino de literatura nas escolas, produzindo um ensino ineficaz e desatualizado.

Em suma, conforme Fischer *et ali.* (2012, p. 113), em análise do conteúdo de literatura de algumas provas do ENEM, os autores elegem alguns pontos que exigem domínio do aluno, concernente à literatura:

- * relações entre produção literária e processo social, concepções artísticas, procedimentos de construção e recepção de textos – produção literária e processo social;
- * processos de formação literária e de formação nacional;
- * produção de textos literários, sua recepção e a constituição do patrimônio literário nacional;
- * relações entre a dialética cosmopolitismo/localismo e a produção literária nacional;
- * elementos de continuidade e ruptura entre os diversos momentos da literatura brasileira;
- * associações entre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário em seus gêneros (épico/narrativo, lírico e dramático) e formas diversas;
- * articulações entre os recursos expressivos e estruturais do texto literário e o processo social relacionado ao momento de sua produção;
- * representação literária: natureza, função, organização e estrutura do texto literário;
- * relações entre literatura, outras artes e outros saberes.

E isso constitui um grande desafio, pois, conforme a própria matriz de referência do exame requer, há uma exigência do domínio mais pragmático e discursivo da Literatura, portanto, destituindo o paradigma de o ensino mais sistemático, conteudista e descritivo, corroborando diretamente para o êxito do aluno no ENEM. Isso demonstra que muitos

educadores ainda desconhecem esses documentos oficiais que constituem a base da educação e não se aprofundam em uma pesquisa mais efetiva sobre a elaboração das provas do ENEM e isso afeta diretamente o desempenho do aluno no exame.

2. Literatura: definições, metodologias e os parâmetros curriculares.

Pensar o lugar da literatura no ENEM nos remete aos paradigmas que regem o ensino de Literatura, ou seja, não há de inovador, somente formas e olhares diferentes para velhos problemas, conforme nos diz Barbosa (2010, p.1).

Estabeleçamos então, inicialmente, o papel da Literatura desde os tempos mais remotos. Segundo Abreu (2003), a Literatura era considerada erudição, conhecimento em filosofia, história e ciência, até meados do século XVIII, com isso, os autores estavam sujeitos aos mecenas, que eram os financiadores das artes. Após isso, e tendo perpassado por tantos conceitos e definições, o termo literatura permanecia vago, representando tudo que fosse produzido com fim estético, como a poesia, a eloquência, a história bem escrita, segundo Voltaire (apud Abreu, 2003).

Assim, gosto e beleza determinaram a literatura, o que levou à discriminação dos leitores, uma vez que o gosto nem sempre é o da maioria, contribuindo para a divisão entre leitores ignorantes e leitores sábios, entre as boas e más leituras etc. (ABREU, 2003 apud ANDRADE, 2011, p.139).

Nesse contexto, nem o romance – gênero literário – estava categorizado como literatura dentro do conceito de belas artes, já que não possuía forma e nem tema únicos, portanto, não se enquadrava nos moldes preestabelecidos pela retórica e pela poética, e muito menos com os fins formativos do século XIX, que controlavam as leituras literárias, como nos afirma Barbosa (2009).

Destarte, restou ao ensino o papel disseminador de conceitos, relações e consumo da literatura desde o Brasil colônia. Naquele tempo, a literatura chegava ao Brasil pelas mãos dos Jesuítas, porém, com finalidades de imposição, didáticas formativas para dominação, com intuito de fundar uma sociedade sujeita à Igreja. Mas somente no século XIX, os estudos literários no Brasil consolidam-se devido aos fatores políticos, culturais e históricos, tendo por marco a transferência da família real para o Brasil, e com isso, a criação da Biblioteca Real com todos os artefatos culturais que foram trazidos, o Teatro Real que fora implantado, a abertura dos portos, a criação da imprensa, além da Academia de Belas-Artes e dos cursos de nível superior.

Porém, o modelo orientador que se consolidou no Brasil foi o mesmo adotado como tendência mundial que era o historicismo, somente em 1855 a literatura é instituída no currículo durante o Império, perdendo seu caráter mais clássico, privilegiando uma abordagem mais histórica.

[...] apesar de já haver incipientes manifestações nos séculos XVII e XVIII, é no século XIX que a atividade intelectual ganha entre nós contorno pleno. As procedências para a escassa produção dos estudos literários no Brasil, no período colonial, são, essencialmente, as academias, os poetas e o ensino, que se tornaram elementos colaboradores tanto de uma formação da crítica literária no Brasil como demarcaram uma tradição literária que repercutiu nos modelos de apreciação, crítica e ensino que durante muito tempo vêm sendo adotados nas escolas e universidades de Letras de nosso país. (ANDRADE, 2011, p.140).

Desse modo, teve sua ascensão em consonância à disciplina Língua Portuguesa devido à sua inclusão nos Exames Preparatórios para as primeiras universidades, pois eram concebidas como disciplinas indispensáveis à apreensão de conhecimento da cultura geral. A partir de então, no percurso até o ensino nos dias atuais, o ensino de literatura trouxe consigo essa concepção cada vez mais historicista, sistemática e delimitada, que manteve sua base no cânone literário, mas por um critério mais descritivo e pouco argumentativo.

Com relação aos estudos dos gêneros, mediante os PCN's, a proposta é apresentar aos alunos um número diverso de gêneros textuais, visando seu desenvolvimento e habilidades leitoras, críticas, argumentativas e discursivas através da escrita, dominando os recursos linguísticos e textuais necessários para atingir em seu discurso o elemento persuasivo almejado. Todos esses requisitos fazem parte da Matriz de Referência do ENEM para a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, já mencionada anteriormente. Eis algumas habilidades requeridas para a área de literatura:

H21 - Reconhecer em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não-verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos.

H22 - Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

H23 - Inferir em um texto quais são os objetivos de seu produtor e quem é seu público alvo, pela análise dos procedimentos argumentativos utilizados.

H24 - Reconhecer no texto estratégias argumentativas empregadas para o convencimento do público, tais como a intimidação, sedução, comoção, chantagem, entre outras. (INEP, 2015, p.4)

Contudo, divergindo dos outros modelos avaliativos de vestibulares, o ENEM, segundo sua matriz, busca desfocar do caráter informacional para uma abordagem mais educacional, que pretenda alcançar uma mudança na concepção do ensino de literatura, assim sendo, seu teor possui um conteúdo mais articulado com as áreas de conhecimento mais

direcionado, de modo a exigir do aluno a desenvolver habilidades e competências argumentativas e específicas. Todavia, ao propor como objeto de estudo um conteúdo tão específico para cada série, resta à escola organizar o currículo de maneira a buscar adequar-se às exigências, porém, parte desse teor é descartada por conta de “n fatores”, relegando à literatura seu papel mais historicista e descritivo em detrimento do ensino pragmático.

Um exame nacional unificado, desenvolvido com base numa concepção de prova focada em habilidades e conteúdos mais relevantes, passaria a ser importante instrumento de política educacional, na medida em que sinalizaria concretamente para o ensino médio orientações curriculares expressas de modo claro, intencional e articulado para cada área de conhecimento. (ANDIFES, 2009, p.4)

Com isso, a escola precisa ter versatilidade para criar um projeto pedagógico e repensar o lugar do ensino de literatura no Ensino Médio, já que os documentos da base da educação (PCN's e OCEM) atrelam à formação do leitor não apenas ler e compreender, mas apropriar-se dessa leitura e linguagem, dominá-la e dominar os recursos para descrevê-la, interpretá-la.

Dessa forma, quando lemos as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, (2008) no que se refere à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias vemos que o interesse pela literatura também está no conhecimento cultural e no domínio do que está na ordem do “comunicável”, “da linguagem, que contrai com a ideia de cultura geral”, item necessário para a formação do cidadão leitor e crítico da realidade, capaz de resolver os problemas que lhe são colocados no enfrentamento com o mundo do trabalho etc., isto é, “o exercício de tarefas especializadas”, conforme nos aponta Souza (1999) (ANDRADE, 2011, p. 141-142).

Ainda que, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM 2008) tragam uma nova abordagem para o ensino, infelizmente, segundo Barbosa (2010) ainda há uma lacuna substancial quanto às orientações necessárias para que o docente do Ensino Médio possa encontrar uma metodologia que compreenda o desenvolvimento das habilidades requeridas na formação do leitor literário. É primordial também que o professor queira romper o paradigma desse ensino deficiente, tem aspirações inovadoras diante de tantos percalços que surgem dentro da própria burocracia e falta de recursos.

Por conseguinte, o ENEM estabelece o lugar de Linguagens e Códigos para a literatura, concebendo-a como patrimônio cultural do país, e, concomitantemente, que assume as matrizes de competência e habilidades como instrumento para alcançá-las através dos textos literários, mas também dita que esses mesmos textos como apenas, mais um dos gêneros textuais, ou como produção artística com suas especificidades, ou seja, contrapõem-se, permitindo assim às escolas esse conflito e esse pretexto de trabalhar o que melhor lhe convier.

3. O ENEM e o ensino de literatura.

E dentro desse panorama, o ENEM nasce sob uma perspectiva de mudança no ensino que exclui o apelo excessivo à memorização e tem como base a avaliação da capacidade de mensurar quais as construções que o aluno conseguiu desenvolver, articular e apreender ao longo do ensino básico.

As matrizes de competência eram muito generalizadas e vagas até 2008, eram constituídas por 5 áreas de competência e 21 habilidades, atualmente, para a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias são 9 competências e 30 habilidades. Antes dessa ampliação, não ficava muito definido o lugar da literatura, e isso refletia na própria elaboração da prova, já que os textos literários eram mesclados em outras áreas do conhecimento, disforme, que mais confundia o aluno do que o auxiliava nas respostas.

Mas ainda hoje, partindo do pressuposto das habilidades compreendidas na Matriz, a literatura pode ser trabalhada tanto na linha historicista e “guardiã” dos autores canônicos quanto como a base para análises linguísticas, textuais e abordagens de conhecimentos socioculturais ou de áreas afins. A pretexto de ensinar os gêneros literários serve como o próprio alicerce. Nesse sentido, nos remete a uma reflexão: para que serve afinal a literatura? O que é literatura e qual sua função?

Ao se pretender delimitar hodiernamente a relevância da literatura, depara-se com seu maior defensor Antônio Candido, o qual afirma que a literatura é um direito básico do ser humano, nesse contexto, para o autor, a literatura “parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (CANDIDO, 1989, p. 112). Dessa forma, a literatura é, para ele, “o sonho acordado da civilização” (p. 112), e assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem sonho durante o sono, “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (p. 112). Portanto, reitera que a literatura é fator indispensável de humanização e confirma o ser humano na sua humanidade, por atuar tanto no consciente quanto no inconsciente.

Segundo Rouxel, em sua obra *Aspectos metodológicos do ensino de literatura*, há uma relevância em caracterizar o objetivo do ensino da literatura como determinante de sua própria metodologia: “[...] A primeira concerne às finalidades, às intenções e aos objetivos do ensino de literatura: ensinar literatura para quê? O *para quê* determina o *como*. Método e finalidades estão ligados.” (ROUXEL, 2013, p; 17)

O segundo questionamento que trata a autora é sobre o *quê* ensinar em literatura, ou seja, de um lado temos o canône dos autores consagrados, que perpassam e perduram através do tempo e da história, do outro, temos autores mais contemporâneos, uma literatura que é

desprivilegiada mas é muito mais acolhida pelos alunos, por se tratar de uma leitura mais atual e mais acessível. A autora também pontua sobre a literatura como a concepção de *corpus*, como prática, como autotélica da literatura e discute o papel do leitor *versus* o papel do texto, discriminando que a postura do leitor será fundamental para apropriação dos elementos do texto, sua compreensão e sua interpretação contextualizada.

Os aspectos metodológicos são outro tema relevante, já que, segundo Rouxel (2013, p.20), pensar no papel social da literatura que é também formar: [...] o sujeito leitor livre, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção – que é prevista aqui. A autora descreve que a formação desse sujeito resulta da sinergia de três elementos: “a atividade do aluno sujeito leitor no âmbito da classe constituída em “comunidade interpretativa”, [...] a literatura ensinada – textos e obras – e a ação do professor, cujas escolhas didáticas e pedagógicas se revestem de uma importância maior”.

Consoante a Candido (1989, p.113):

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (p. 113).

Com isso, o lugar almejado para o professor e para o aluno é o papel que renuncia à imposição preestabelecida de um sentido fechado, convencionado, imutável e restrito a ser transmitido e aprendido. O papel da literatura em ambos os casos é interacionista, cooperativo e abrangente, e reforça-se na troca mútua entre um e outro. O processo ensino-aprendizagem vem estabelecer uma relação de reciprocidade e discursividade, é construção. O espaço que cabe a literatura no Ensino Médio não pode ficar relegado a um condicionante que poda e diminui o papel social da literatura, que é formar o sujeito em sim, portador de todas as faculdade para tornar-se um cidadão crítico, ciente do seu papel na sociedade que atua, que analisa, interpreta, apreende e aprimora o que adquiri, capaz de transformar seu aprendizado em seu próprio capital cultura, apto à produção crítica de textos, dominando os recursos que complementam e propiciam uma evolução para a própria vida desse aluno.

Considerações finais:

A discussão que este trabalho busca promover é relevante no sentido que delimita o lugar e a importância da literatura no processo do ensino-aprendizagem, suas concepções e

definições que perpassam a história de sua constituição e consolidação desde o Brasil colônia até os dias atuais; suas perspectivas e aplicabilidade metodológica nas escolas; suas delimitações e seus condicionantes, o que vem comprometendo sua plena efetivação e seu papel social na formação de leitores competentes e proficientes em sala de aula.

São tantos os fatores a questionarmos quanto ao ensino de literatura, há tantas mudanças que precisam ser estabelecidas para que tanto professores quanto alunos possam usufruir plenamente de todo o panorama e recursos que a literatura tem a oferecer. Mas isso só será possível se houver uma mudança real e consciente por parte dos professores, gestores, dos documentos que compõem a base da educação, dos alunos. A mudança precisa em toda a comunidade.

Faz-se necessário refletirmos e discutirmos sobre esse ensino deficiente que tem sido praticado nas escolas, que não corrobora para uma aprendizagem real e significativa no aluno e nem promove êxito no ENEM. São paradigmas que precisam quebrados, são concepções que precisam ser destituídas do seio da sociedade. Numa efervescência de mudanças drásticas no panorama socioeducacional, geradas pelas práticas políticas governamentais que tem buscado dirimir e enfraquecer o ensino efetivo, crítico e pragmático no país, precisamos discutir mudanças que oportunizem as escolas metodologias que contemplem o ensino pleno, dinamizado, interativo e pragmático.

Precisamos discutir e aparar as arestas dos documentos oficiais para que não reste dúvidas ou subterfúgios, para que escolas ou professores não se utilizem de metodologias ineficazes ou superficiais. Para tanto, foi preciso discorrer do lugar e da utilidade, da importância e para quê ensinamos e aprendemos literatura, foi preciso desarticular a ideia do ensino sistemático e historicista, buscando privilegiar o aluno no exame nacional, já foi comprovado que a prova do ENEM exige do aluno capacidades de assimilação e interpretações discursivas e contextualizadas.

Contudo, as dúvidas permanecerão, há muito o que desenvolver no país no que tange à educação, mas para uma turma que está saindo “do forno” agora, que está formando futuros docentes, com concepções diferenciadas e muito mais conscientes do seu papel e das dificuldades que enfrentarão no percurso da licenciatura; uma safra de professores que consolidam seu compromisso com a educação diferenciada, crítica e promissora, que reconhece que o processo de ensino-aprendizado é um processo mútuo e recíproco, que o aluno precisa ser estimulado para desenvolver suas competências, que a escola precisa ser palco de transformações como resultado de deliberações e discussões através de reuniões periódicas, envolvendo não só o corpo profissional das escolas, mas toda a comunidade. E o reconhecimento do papel crucial

que o professor tem na formação e no êxito de seus alunos, que ele precisa mais do que conduzi-los, precisa instigá-los a buscar, motivá-los a persistir e inspirá-los a reconhecer-se como parte viva, integrante e fundamental da sociedade.

Referência:

ABREU, Márcia. Letras, Belas Letras, Boas Letras. **In:** _____. **História da literatura: o discurso fundador.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, Associação de leituras do Brasil: Fapesp, 2003.

ANDIFES: **Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior.** Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13318&Itemid=310> Acesso em: 21/12/2016.

ANDRADE, Gilsa, R. **Literatura e ENEM: Implicações no Ensino Médio**. Revista DLCV Língua, Linguística % Literatura, Dpto, de Letras Clássicas e Vernáculas da UFPB, 2011. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/dclv/article/view/10786>. Acesso em 17/05/2019.

BARBOSA, Socorro F. P. **Uma breve história do conceito de literatura e do seu ensino no Brasil**. In: Ana Cristina de Sousa Rodrigues; Jan Edson Rodrigues Leite (Org.). **Linguagens Usos e Reflexões**. 1 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010, v. 6, p. 64-76.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008, vol 1.

_____. **Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): fundamentação teórico-metodológica**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília : O Instituto, 2005.

_____. **Matriz de competências para o Enem 2009**. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília, 2009.

_____. **Matriz de Referência do ENEM**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2012/matriz_referencia_enem.pdf. Acesso em 02/02/2019.

_____. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM)**. Vol. 1. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2006a. Acesso em 12/01/2019.

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos E... Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

FISCHER, Luis A. **Do vestibular ao ENEM – Novo paradigma para o ensino de literatura para jovens no Brasil**. Revista eletrônica: Porteira da fantasia. Disponível em: <https://porteiradafantasia.wordpress.com/2016/01/08/do-vestibular-ao-enem-novo-paradigma-para-o-ensino-de-literatura-para-jovens-no-brasil/>. Acesso em 04/01/2017.

FISCHER, Luis A. **Ensinar literatura na era do ENEM**. ZH Jornal Digital de Porto Alegre. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2015/11/luis-augusto-fischer-ensinar-literatura-na-era-do-enem-4911426.html>. Acesso em 01/01/2017.

FISCHER, Luís Augusto; LUFT, Gabriela; FRIZON, Marcelo; LEITE, Guto; LUCENA, Karina; VIANNA, Carla; WELLER, Daniel. **A Literatura no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)**. Nonada Letras em Revista. Porto Alegre, ano 15, n. 18, p. 111-126, 2012. Acesso 18/04/2019.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: parte 2: **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em 16/02/2017.

ROUXEL, Anne. **Aspectos metodológicos do ensino de literatura**. Trad, Neide L. Resende. In: DALAS, Maria Amélia (org.). **Leitura e Literatura na Escola**. São Paulo. Parábola, 2013.